

GRAMÁTICA E TEXTO EM DIACRONIA
– HAVER (MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES) DE + INFINITIVO
EM DUAS CRÓNICAS DE ZURARA *

MARIA TERESA BROCARDO
(Universidade Nova de Lisboa / FCSH / CLUNL)

ABSTRACT: This paper focuses on the study of a particular construction – haver ‘have’ (simple pluperfect) de (preposition) + infinitive – in two Portuguese texts dating from late 15th century. Since it combines values inherent to the pluperfect – past in the past – and to haver de – posteriority – the construction has a value of a ‘future in the past’. Part of the attestations of haver de + infinitive, however, show a nonactualization reading, while others appear to be ambiguous in what concerns the actualization / nonactualization of the situation. I argue that the very specific value(s) of this construction, with a predictable low frequency, impose a careful selection of the textual sources to be used, on the basis of their genre characteristics. I show furthermore that in some cases the accurate interpretation of the value expressed by a particular occurrence is only triggered by the narrative sequence, and thus the need to pay close attention to the specificity of the texts to be studied, given that they constitute the only witnesses to the ‘grammar’ of past language stages.

KEYWORDS: grammar, text, diachrony, future in the past, textual sources.

Introdução

O presente trabalho toma como ponto de partida geral um dos objetivos declarados da GRATO, o de “contribuir para o aprofundamento da inter-relação entre [as] da áreas [da gramática e do texto]” (de acordo com a formulação da apresentação da conferência). Trata-se neste caso de procurar esse contributo no âmbito dos estudos diacrónicos, pelo que a referida inter-relação, como procurarei ilustrar, se assinala de um modo muito particular¹. Numa primeira confrontação entre o papel atribuído aos textos (genericamente) na

* Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto PEst-OE/ LIN/UI3213/2014

¹ Retomo nesta introdução alguns pontos de Brocardo (2011).

perspetiva da teoria do texto e da linguística histórica, contrastam claramente, no primeiro caso, a sua delimitação como o próprio objeto de estudo e a sua definição como «produções linguísticas empíricas e atestadas» (Coutinho 2003: 119), enquanto para a segunda os textos são sobretudo explorados como fontes, correspondendo às «first-order witnesses to the more distant linguistic past» (Lass 1997: 44).

Como é sabido, e recorrentemente tem sido sublinhado, os textos, enquanto fontes primárias, são para a linguística histórica absolutamente cruciais, visto que delas depende a possibilidade de reconstituição da gramática de fases passadas das línguas para as quais não existem outros testemunhos, em particular em períodos anteriores à existência ou preservação de fontes secundárias². Se este protagonismo, digamos assim, dramático, se assinala tradicionalmente na ligação entre os estudos diacrónicos e a filologia (aqui numa aceção muito geral), ele está bem patente, modernamente, na importância atribuída à constituição de corpora históricos de grandes dimensões, em diversos suportes eletrónicos (etiquetados, codificados, etc.), a partir dos quais se potencia uma supostamente mais completa e rigorosa reconstituição do funcionamento das línguas em fases passadas. Mas sublinhe-se que, em qualquer tempo e sob qualquer perspetiva, esse protagonismo é inultrapassável, dada a importância decisiva dos parâmetros que definem e caracterizam os textos como veículos das formas / construções linguísticas, justamente para poder aferir, desde logo, a própria atestação.

Procurarei aqui ilustrar esse trabalho de procura da ‘gramática’, não a partir de um conjunto alargado de dados (num corpus de dimensões assinaláveis), mas de uma focalização que parte de uma seleção prévia de testemunhos, assim favorecendo uma pesquisa de formas / construções, necessariamente limitada em termos quantitativos, mas que deverá favorecer uma análise mais atenta da atestação, tendo em atenção os parâmetros inerentes ao próprio texto, e que à partida condicionam a ocorrência de formas / construções particulares.

Na secção 1 apresento algumas considerações sobre os textos produzidos e transmitidos em fases passadas, referindo questões colocadas por textos conservados em testemunhos múltiplos, para me deter depois, na secção 2, na análise de uma construção particular – *haver* (mais-que-perfeito simples) *de* + infinitivo – em testemunhos de duas crónicas de Zurara. Procurarei por fim concluir com breves notas sobre a relação entre ‘gramática’ e ‘texto’ que aqui pretendo evidenciar.

² Como fontes *secundárias* entendo aqui qualquer descrição ou referência, mais ou menos explícita, a aspetos do funcionamento da língua veiculada em textos de uma dada época, sendo as principais, naturalmente, as gramáticas e os dicionários, mas sendo também relevantes outros tipos de textos contendo alguma reflexão de ordem metalinguística. Esta é a definição subjacente à distinção entre fontes *primárias* e *secundárias* de, por exemplo, Castro (2006: 78). Outros autores usam no segundo caso o termo fontes *indiretas* («indirect sources», cf. Herman 2000: 18).

1. O texto que ‘não é’ ou ‘são vários’

A necessidade de recorrer exclusivamente a testemunhos escritos para reconstituir traços de fases passadas da língua impõe cuidados redobrados na análise das fontes textuais, como já referi. Um dos muitos constrangimentos metodológicos impostos neste contexto à linguística histórica decorre da falta de dados para o enquadramento dos textos nas circunstâncias precisas que determinaram a sua produção, transmissão e conservação. Como Lass (1997: 2) começa por notar, em certo sentido os textos do passado ‘não são’:

«A text may be 1,000 years old, and we know that perfectly well, but we look at it in the present as a survivor, and recognize that even though it ‘is’, the proper verb really is ‘was’. We are simply being granted in an obvious way (...) the privilege of looking as if it were paradoxically back into time.»

Centrando-se especificamente em textos literários medievais (e mais propriamente de tradições francesas), Bernard Cerquiglini enfatizou a inadequação de abordagens que não assumem as especificidades inerentes à produção e transmissão dessas tradições textuais. O autor chama a atenção para uma característica inerente aos textos transmitidos em testemunhos múltiplos, a que chamou ‘variância’. A pluralidade, típica do género, de testemunhos e versões, do que se concebe modernamente como ‘um texto’, e mesmo a indefinição, nalguns casos, dos limites de uma dada versão, leva o autor a concluir que o texto medieval não corresponde a uma unidade fixada e perfeitamente delimitada, caracterização pressuposta na conceção moderna de ‘texto’: «Tout, dans l’inscription littéraire médiévale, paraît échapper à la conception moderne du texte.» (Cerquiglini 1989: 43).

Partindo, em certa medida, deste tipo de abordagem³, procurei em trabalhos anteriores explorar a análise de variantes assinaladas na comparação de testemunhos de um mesmo texto – os manuscritos *C* e *G* da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* de Gomes Eanes de Zurara (cf. Brocardo 1997: 28-39) – de modo a evidenciar a relevância desses dados para a análise linguística. Retomando aqui apenas alguns exemplos (v. Brocardo 1998), pode claramente constatar-se a diversidade de dados relevantes para análises linguísticas de diferentes níveis:

- (1) *omde se deyxou estar ally / ___ leixou ___*
- (2) *o comde ... com grande rrepouso e segura comtemça / ___ contenença*
- (3) *Tam amedoromtados ficarã daquelles mouros / ___ amedrentados ___*
- (4) *O comde tynha jaa rrecado ... que / ___ avia ___*
- (5) *Hy ... loguo çear / Ide ___*
- (6) *E parece que ambos bevyam vinho de que, allem das outras cousas, foram bẽ proveudos / ___ providos*
- (7) *começarã a buscar maneira / começará de buscar ___*
- (8) *lhe rrogou sobr’ello / o rrogou ___*

³ E também de trabalhos como Roudil (1989-1990), entre outros.

Trata-se neste caso, portanto, de dados propiciados por um dado género (crónica de carácter historiográfico), associado a um dado processo de transmissão, por cópia manuscrita, que gera ‘variância’ intratextual, cuja análise cuidadosa permitirá eventualmente inferir dados sobre a variação linguística sincrónica e diacrónica⁴.

Mas não é este o único tipo de especificidade do texto medieval. Se estamos aqui perante um exemplo, de resto bem característico, do texto que ‘são vários’ (testemunhos), há também muitos casos de tradições textuais distintas, relativas a ‘textos’ (necessariamente como abstração neste contexto, sobretudo se considerarmos que os hipotéticos originais autógrafos de um modo geral não são conhecidos), identificados como diferentes, mas relacionados de diferentes formas. Um desses casos assinala-se na obra de Gomes Eanes de Zurara, especificamente nas três crónicas de matéria africana do autor (a chamada *Crónica de Ceuta*, a *Cónica do Conde D. Pedro de Meneses* e a *Cónica do Conde D. Duarte de Meneses*), com várias partes comuns, e muito em particular as duas últimas, entre as quais as coincidências são muito extensas. Em trabalho anterior (Brocardo 1998-1999), apresentei os resultados da comparação dos dois ‘textos’, assinalando exaustivamente os passos comuns e analisando algumas variantes, neste caso, portanto, variantes intertextuais, mas que, como procurei mostrar, frequentemente evidenciavam entre si fenómenos de ‘variância’ semelhantes aos atestados em variantes intratextuais.

Foram estes dois ‘textos’, que em parte ‘são’ afinal apenas ‘um’, isto, claro, se assumirmos a conceção de certo modo abstrata de ‘texto’ que antes se referiu, que usei para a recolha de dados relativos à construção aqui em estudo. Esta escolha permitiu-me, em primeiro lugar, partir de uma seleção prévia das fontes em função das características definitórias relativamente ao género em que se inserem, que à partida propiciariam a atestação da referida construção, como espero mais adiante demonstrar. A opção decorreu também da possibilidade de associar à relativa uniformidade dos testemunhos, que considere adequada para a análise proposta, um maior conjunto potencial de dados a explorar.

⁴ Este tipo de observação não deverá porém ser interpretado de forma simplista. A análise comparativa de variantes é complexa, impondo uma interpretação crítica das características de cada testemunho, atendendo à sua relação com outros manuscritos da tradição textual em que se insere, remanescentes ou hipotéticos, procurando indícios sobre tendências conservadoras ou inovadoras da cópia, etc. Estes e outros aspetos têm necessariamente de ser controlados, na medida do possível, na análise linguística das variantes numa perspetiva diacrónica.

2. *Haver* (mais-que-perfeito simples) *de* + infinitivo em duas crônicas de Zurara

O tópico gramatical que proponho de certo modo cruza dois temas que tratei em trabalho anteriores: os valores do mais-que-perfeito simples (MPS) em fases antigas do português (por exemplo, Brocardo 2012) e as formas / construções marcadoras de posterioridade (por exemplo, Brocardo 2013), neste caso incidindo em *haver de* + infinitivo. Assinalei algumas poucas ocorrências da construção *haver de* (MPS) + INF, cuja análise mais próxima aqui irei apresentar.

No que respeita ao MPS, este ‘tempo’ gramatical ocorre nos textos em português antigo e médio, tal como em português contemporâneo, com valor de anterioridade em relação a um tempo já anterior em relação ao tempo da enunciação. A diferença essencial no funcionamento deste paradigma verbal em fases passadas da língua é que, se em parte das ocorrências o acontecimento linguístico referido é ‘atualizado’ ou ‘validado’, noutras marca-se um acontecimento ‘não atualizado’, de que decorre uma leitura modal do MPS. Confronte-se (9) e (10) com (11) e (12):

- (9) *em dous filhos barões que este fidallgo ao diamte ouve se pode bem veer quall **fora** ho padre que hos **gerara** [PM]⁵*
- (10) *Ca assy como aquelle duque do pouoo de Deos mandou aos Judeus que tomassem doze pedras do Rio de Jurdam e que as lançassem ã nembrança da mercee que lhes Deos **fezera** em os passar aa terra da promissam. [DM]*
- (11) *e **fora** aquelle dia muy grande mortymdade nos ymfiees, se ho lugar nom fora tam aspero e momtanhoso [PM]*
- (12) *nẽ o bõo d’Affõmsõ Garçia nõ ficou sem parte daquella devisa, caa açaz de feridas ouve por seu corpo, e taes per que com rrezão se **devera** fazer a fora, mas elle, porẽ, nunca perdeo sembrante de bõo capitão, amte foy avante damdo esforço aos seus*

Como se pode observar nos exemplos, este valor é marcado em particular em construções condicionais, em contextos negativos (11), e também, por exemplo, com verbos de valor inerentemente modal (12).

A construção *haver* (preposição⁶) + INF marca inerentemente posterioridade em relação ao tempo da enunciação, valor a que se associam diferentes valores modais, decorrentes do sujeito ou de outros fatores. Este tipo de construção parece ser particularmente produtivo em português, desde os

⁵ As fontes dos exemplos são simplesmente identificadas pelas siglas PM (*Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*) e DM (*Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*), correspondendo a testemunhos de finais do século XV editados em, respetivamente, Brocardo (1997) e Fernandes (2007).

⁶ Nos textos mais antigos atesta-se, como é sabido, a alternância da preposição (*a* ou *de*) ou mesmo a não ocorrência de preposição nesta construção.

textos mais antigos, alternando com formas de futuro simples. Veja-se apenas um exemplo retirado de um dos textos aqui considerados:

- (13) *creo eu que se o uos pedyrdes a elRey pera m~y que uollo nom **ha de negar** segido o que de sua mercee confio* [PM]

No que respeita agora à construção *haber de* (MPS) + INF, ela associa o valor de posterioridade marcado inerentemente por *haber de* e o valor de anterioridade do MPS, induzindo uma leitura de posterioridade em relação a um tempo passado, mas anterior ao tempo da enunciação, ou seja, uma valor caracterizável como ‘futuro do passado’. Em parte das atestações desta construção nos textos aqui explorados, parece claro, pela leitura das sequências textuais, que o acontecimento linguístico é atualizado, ou seja, que vem a verificar-se efetivamente, como nos exemplos:

- (14) *Mas o primçipall perigo **ouvera de ser** ao passar da rribeyra, a quall parecee que estava chea* [PM]
 (15) *E breuemête em todo se deu maa prouisã o que ao depois **ouuera de seer** aazo de se a uilla perder* [DM]
 (16) *neeste dya passou hũa daquellas pedras per tã acerca de huũ criado do Jffante dõ Henrique que lhe ficou o poo da pedra na manga da saya, mas o espanto daquelle **ouuera de seer** muyto mais dãpnoso que o mal.* [DM]
 (17) *E aquy auees de saber que este lugar por onde sse aquella cidade **ouuera de tomar** he huũ lãço de muro que çarra no castello da parte do sertão* [DM]

Noutras atestações da construção, porém, a leitura é ambígua, por diferentes razões. No caso de (18), a ambiguidade decorre da interpretação de *receber cajam*⁷ em coocorrência com a adversativa *porem guareçeeo*. Numa hipotética leitura de *receber cajam* como, por exemplo, ‘ficar ferido’, teríamos uma leitura parafraseável por ‘haveria de ser ferido mas depois curou-se’, não sendo porém claro, a meu ver, se a interpretação é de atualização ou não, dado que *receber cajam* não tem no contexto uma interpretação clara.

- (18) *Fernã Soarez d’Aalbergaria foy ally ferido em hũa mão, de que **ouuera de rreçeber** cajam, porem guareçeeo depois.* [PM]

Outras duas atestações oferecem também uma leitura ambígua no que respeita à atualização / não atualização do acontecimento linguístico expresso na construção. Em (19) a sequência narrativa muda de focalização, pelo que não é possível concluir se a personagem referida veio ou não a *cayr*:

- (19) *e tã trigosa foy aquella uolta que a huũ delles ëbellecou o cauallo e **ouuera de cayr** na augua.* [DM]

Já em (20) é a sequência textual, mais uma vez com adversativa, que não parece clara quanto à interpretação de atualização / não atualização de

⁷ *Cajam* (*cajom* em português antigo, com outras variantes) é forma antiga de ‘ocasião’.

lhe ouuera de trazer (...) aquella uolta mayor dâpno, dependendo neste caso a leitura da interpretação de ‘maior dano’ (‘o dano que efetivamente ocorreu foi maior’ ou ‘maior do que efetivamente ocorreu’):

- (20) *mas como quer que possessê toda sua força por fazer aquella passagê, nõ poderõ porê liurar os seus de todo dos contrayros âte lhe ouuera de trazer aquella uolta mayor dâpno por que a rua era assy streita que se nõ podyã os cauallos em ella reuoluer que nõ fezessê dâpno aa gête de pee, forõ porê liures cõ abrigo das grandes pedras que ally auya. [DM]*

Outras duas atestações permitem interpretações mais claras quanto à não atualização dos eventos descritos:

- (21) *E jazendo jaa d’assesego, se llevamtou tall rrumor amtr’elles per que se ouvera de perder todo o trabalho daquella noite, caa se llevamtou hũa cobra gramde em meo da gente, pella quall se llevamtarão per tall guisa, que o comde temeo muito de serem ouvidos, espiçiallmente porque hera muito açerca das aldeas. As escuitas vierom llogo ao comde a dar-lhe novas do assesego que os mouros tinhã, com que elle muito follgou, pella sospeita que lhe o rrumor d’antes fezera. [PM]*
- (22) *E os mouros tornarão atras, e o escudeyro tornou muito asynha pera buscar a passagem, porque emtemdeo que em tall tempo lhe nõ compria detemça, como quer que aquelle ouvera de ser ho seu postrimeiro dia, caa o cavallo errou ho porto e foy topar com hũa rriba. (...) E a derradeira vez tenderã hũa lamça, e quis Deus que ho escudeyro nõ se desacordara nenhũa cousa, e filhou-ha logo a lamça, e com ella sayo. [PM]*

Em (21) a leitura da sequência narrativa permite concluir que *perder todo o trabalho daquella noite* esteve eminente, mas não veio a concretizar-se, tal como se verifica em (22), visto que a não atualização de *ser ho seu postrimeiro dia* (implicando ‘morrer’) é explícita mais adiante no texto.

Uma outra e última atestação desta construção (23) mostra de forma clara que ela marca o mesmo tipo de valor:

- (23) *E os de cavallo que hiam diamte, como os vyram, llamçaram-se amtre sua gente de pee, e hũ pagê do comde a que chamavã Allvaro Pinto ouvera de matar hũ, se se nõ metera amtre os outros. [PM]*

Mas note-se que neste caso a não atualização do evento *matar hũ* é clara em função da construção condicional em que ocorre *haver de* (MPS) + INF, o que não acontece nos exemplos anteriores, em que só as respetivas sequências narrativas ativam a referida interpretação.

3. Notas finais

Uma primeira nota sobre a questão da frequência. A construção em estudo tem na verdade uma frequência de ocorrência muito baixa, o que naturalmente levanta problemas para uma análise conclusiva sobre o seu funcionamento. Note-se, porém, que a especificidade do valor inferível da análise dos

exemplos levantados – ‘antecipação de um evento posterior a um tempo de referência passado, mas ainda passado em relação ao tempo de enunciação’ – à partida aponta para uma baixa frequência previsível, visto que este tipo de valor tenderá a ser marcado apenas em sequências narrativas com um encadeamento de valores temporais também muito específico. Daí a escolha prévia das fontes textuais a explorar, em função do género de texto (crónica de carácter historiográfico), em que tipicamente ocorrem longas sequências narrativas, logo com maior probabilidade de ocorrência de construção com diversos valores temporais. Estaremos aqui perante um caso em que a escassez de atestações não implica necessariamente a baixa produtividade ou disponibilidade de uma dada construção para marcar um dado valor. Se este tipo de argumento é válido, caberia aqui também considerar a questão do significado a atribuir à não atestação, em absoluto, por exemplo de formas / construções hipoteticamente em competição para a marcação dos mesmos valores ou de valores próximos. Na verdade não encontrei qualquer exemplo da construção *haver de* (futuro do passado / condicional) + INF nos testemunhos explorados⁸, mas evidentemente que haverá que pesquisar noutras fontes para poder concluir sobre a não disponibilidade desse tipo de construção na língua da época.

Em síntese do que se expôs neste trabalho, a construção *haver de* (MPS) + INF, de acordo com a análise dos testemunhos explorados, antecipa um acontecimento linguístico posterior a um tempo de referência passado. O acontecimento linguístico nem sempre, porém, é validado, sendo em alguns casos apenas apresentado como tendo estado eminente, mas não se tendo verificado. Este valor da construção é portanto relacionável com o valor modal do MPS que se atesta em fases passadas do português.

O que pretendi sublinhar aqui é que, em alguns casos, só a sequência narrativa ativa essa leitura de não atualização marcada por *haver de* (MPS) + INF. Ou seja, mais uma vez, a procura da ‘gramática’ de fases passadas da língua impõe o protagonismo ‘dramático’ do texto-fonte, cuja tipologia, de resto, pode pré-condicionar a própria ocorrência de atestações de formas e construções com um funcionamento particular. Restam-nos, ainda assim, as ambiguidades, em várias ocorrências cuja interpretação clara, mesmo com uma atenção muito focada no texto-fonte, não é possível em absoluto. Mas a ambiguidade não resultará do próprio texto, será talvez apenas um efeito da leitura moderna que dele fazemos, ou seja, do facto de olharmos para ele a partir do presente, quando o texto do passado, como notava Lass (*ibid.*), ‘não é’.

⁸ Atesta-se a forma verbal simples em construções semanticamente condicionais como *-Essa seria - disse aquella comde - [hũa] das mayores merçees que me Deus e ell rrey, meu senhor, podiã fazer, semdo eu em tall hydade pera o soportar [PM]*.

Referências

- Brocardo, M. T. (1997). *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*. Lisboa: FCG / JNICT
- Brocardo, M. T. (1998). As ‘variantes’ como objecto de estudos linguísticos diacrónicos. In G. Ruffino (ed.) *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*, Vol. VI, Tübingen: Max Niemeyer, pp. 47-57
- Brocardo, M. T. (1998-1999). Variação nas Crónicas de Zurara. *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale* 22, pp. 227-243
- Brocardo, M. T. (2011). O ‘texto’ no tempo em que não havia ‘gramáticas’. In C. N. Correia (org.) *Cadernos WGT – Formas & Construções*. Lisboa: FCSH-CLUNL, pp. 5-10
- Brocardo, M. T. (2012). O ‘passado do passado’ – alguns dados para a história do pretérito mais-que-perfeito em português. *Verba Hispanica* 20, pp. 33-48
- Brocardo, M. T. (2013). Sobre o ‘futuro’ – formas e construções marcadoras de posterioridade em textos portugueses dos séculos XIII a XV. In R. Álvarez et al. (eds.) *Ao sabor do texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, pp. 77-90
- Castro, Ivo (2006). *Introdução à História do Português*. Lisboa: Colibri
- Cerquiglioni, B. (1989). *Éloge de la variante. Histoire critique de la Philologie*. Paris: Éditions du Seuil
- Coutinho, M. A. (2003). *Texto(s) e Competência Textual*. Lisboa: FCG / FCT
- Fernandes, A. (2007). *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vol. II. (Dissertação de doutoramento)
- Herman, J. (2000). *Vulgar Latin*. University Park – Pennsylvania: Pennsylvania State University Press
- Lass, R. (1997). Written records: evidence and argument. In *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge: CUP, pp. 44-103
- Roudil, J. (1989-1990). De la latence conceptuelle à l’expression discursive multi-forme. *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale* 14-15, pp. 277-308